

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA – ALGUMAS LIÇÕES

Alessandra Bueno De Grandi

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Cácia Cristina França Rehem

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo traz considerações iniciais, sobre o processo avaliativo no ensino superior, em contexto de Ensino Remoto Emergencial, propostos em Seminários, Webinários, Eventos virtuais, disponibilizados na plataforma do Youtube. Através de uma abordagem qualitativa e descritiva, as falas dos palestrantes são analisadas, demonstrando que é necessário pensar uma avaliação diferenciada, mediada pelas tecnologias, que proponham uma diversidade de interfaces e que possa permitir também a autoavaliação e avaliação entre pares.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem. Ensino Remoto. Pandemia.

Introdução

Refletir sobre o processo avaliativo no ensino superior, em tempos de pandemia no Ensino Remoto Emergencial, analisando o conteúdo divulgado em Seminários /Webinários Online / Eventos disponibilizados na plataforma do Youtube, por instituições de ensino é o objetivo deste artigo, e que se situa dentro de uma proposta de pesquisa mais ampla, que inclui também os cursos de formação oferecidos para o trabalho de docentes em tempos de Ensino Remoto Emergencial/ Caráter Remoto.

Ainda que o tema avaliação da aprendizagem venha sendo objeto de discussão frequente no espaço educacional, continuamos a nos deparar com problemas como o entendimento do que seja avaliar, dos tipos de avaliação disponíveis, das relações afetivas entre professores e alunos, do emprego dos instrumentos avaliativos, o que tem gerado uma prática equivocada por parte de docentes e de desconfiança por parte dos discentes. É importante destacar que não existe exclusividade na aplicação equivocada do sistema avaliativo, pode ocorrer desde a educação infantil até a pós-graduação, perpassando por profissionais sem formação docente até os altamente qualificados, com ou sem licenciatura.

Com a pandemia, resultado da extensão do alcance do novo Corona vírus COVID19, tivemos que nos adaptar, ainda que tardiamente, ao que na UESB chamamos de Ensino Remoto Emergencial, ou seja, utilizando plataformas e aplicativos disponíveis na internet, retornamos as aulas da graduação. Em relação a pós-graduação, quase que automaticamente, os programas já tinham adotado algumas alternativas de funcionamento (aulas, orientação e defesas online), para que pudessem manter os prazos estabelecidos pelas agências de fomento, mantendo suas atividades.

Este retorno tardio, foi necessário para que, não só a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), mas várias outras instituições de ensino presencial, públicas ou privadas, pudessem regulamentar o funcionamento do que seria o Ensino Remoto Emergencial (ERE), bem como de proporcionar aos seus docentes, uma formação para o uso de plataformas e aplicativos para a docência online, que contemplasse não apenas atividades práticas mas também uma formação teórica, que possibilitasse a continuação das atividades de ensino, que haviam sido paralisadas. Esta formação, no caso da UESB, iniciou-se através de um Seminário Virtual, para sensibilização da comunidade acadêmica, e posteriormente um curso de 80h para os docentes, ministrado através do Google Education, no classroom, com profissionais estudiosos e pesquisadores da área.

Tanto em relação aos eventos seminários, webinários e outros, inicialmente analisados, como ao curso de formação docente (oferecido pela UESB), o tema avaliação foi recorrente, sendo considerado um dos problemas para esta formatação de ensino (ERE / Caráter remoto), já que não configura uma educação a distância e não é presencial, ou seja, as duas modalidades que o sistema de ensino brasileiro reconhece, mas também não é híbrido, o que fez com que houvesse o entendimento, por parte de alguns professores que a transposição do que já era feito no presencial poderia continuar a acontecer no ERE.

Desta forma, como não poderia deixar de ser, o que já era difícil no ensino presencial, se agravou nas aulas online, provocando, primeiro, uma curiosidade natural de entender o que está sendo divulgado acerca da avaliação nestes espaços de discussão sobre o ERE e, segundo o que está sendo apreendido e praticado por parte dos docentes, a partir do que é ofertado nestes espaços online de formação. Neste trabalho vamos tratar da primeira questão.

Avaliação em espaços de ensino e aprendizagem online

As propostas teóricas da avaliação em ambientes presenciais são readequadas das perspectivas instituídas através da modalidade presencial, quando discutimos e propomos o processo avaliativo em ambientes virtuais de aprendizagem, seja na modalidade EAD ou em proposições de uma educação híbrida, adotada por instituições públicas e privadas, não mudamos a perspectiva conceitual do que venha a ser avaliação da aprendizagem, mesmo entendendo a multiplicidade de definições e tipos encontrados na literatura sobre a temática, “uma selva de terminologia” (POPHAM,1983) a um “senso comum” sobre a sua importância e utilidade nos processos educacionais em qualquer nível ou modalidade de ensino.

A configuração da avaliação da aprendizagem, tal como entendemos hoje no sistema educacional, tem um percurso histórico que se inicia no final do século XIX, com a avaliação em uma perspectiva dos exames como medida, Popham (1983) já pontuava que alguns educadores erroneamente equiparam a mensuração com a avaliação, mas também estamos habituados a confundi-la com exame, classificação, prestação de contas, estimativa e apreciação, e a usá-la como instrumento de poder e intimidação.

Quando Luckesi (2011) apresenta a sua tese de que praticamos mais exames que avaliação da aprendizagem, o autor destaca que embora em função da divulgação de estudos sobre avaliação terem sido amplamente utilizados no Brasil, principalmente a partir da década de 1990, migramos a compreensão, mas ainda nos detemos a examinar o aluno para aprovação ou reprovação.

Para Pinto (2016, p.10)

[...] avaliar transforma-se simbólica e realmente em exame, ou noutras situações mais ou menos semelhantes. Os exames são a própria avaliação. Os rituais do exame garantem a validade da medida e conferem à avaliação uma legitimidade social indiscutível.

Nessa perspectiva, acreditamos que as questões sobre avaliação da aprendizagem no ensino presencial, nos parece que são transferidas na mesma lógica para o ensino remoto, portanto, não é o conceito que deve ser modificado quando desenvolvemos a avaliação da aprendizagem na EAD, é a sua importância para o processo de ensino e aprendizagem, bem como, as práticas avaliativas que deveremos desenvolver.

É importante destacar inicialmente que existe um preconceito em relação a educação a distância, que não vai ser resolvido apenas porque em um momento emergencial tivemos que adotar algumas práticas didáticas metodológicas, próprios desta modalidade de ensino, como

as aulas online síncronas e assíncronas, o uso de plataformas de ensino como o Moodle ou o Google Education, ou a adoção de uma variedade de aplicativos e salas de aula virtuais. Se torna necessário à compreensão por parte dos professores dos princípios e interfaces para que consigam desenvolver uma prática pedagógica adequada a modalidade em questão.

Este descrédito em relação a EAD, diz respeito ao que alguns consideram uma massificação desqualificada do processo de ensino e conseqüentemente de aprendizagem, sem levar em consideração as mudanças que ocorreram não só em relação ao *upgrade* das tecnologias por ela utilizadas, como em relação as reformulações nos processos de gestão dos cursos, procurando, principalmente em instituições com maior poder aquisitivo, estruturar uma equipe multidisciplinar contando com coordenador pedagógico, design de ambiente, tutores, entre outros.

O distanciamento físico entre professor e alunos, aluno-alunos, ainda que perpassado por processos de mediação conjunta com tutores, aliado ao alto número de alunos, acaba por reforçar negativamente alguns aspectos que vêm sendo reiteradamente discutidos e sendo objetos de proposições para sanar ou pelo menos mitigar dificuldades como avaliação, autonomia, disciplina, frequência e imersão nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Na EAD, as avaliações precisam ser pensadas para gerar relações não só de aprendizado teórico e prático, mas também de interação entre os alunos, docentes e tutores, levando ao estabelecimento de relações de compartilhamento, cocriação, autoria e colaboração. Estas relações acabam também suprimindo as relações pessoais que se desenvolveriam no cotidiano de uma sala de aula presencial, podendo trazer uma ideia de unicidade, de grupo, poderíamos dizer de pertencimento, o que a longo prazo diminuiria o processo de evasão, promovendo elementos motivacionais para a permanência do alunado nos cursos nesta modalidade.

Ainda que o ERE não se caracterize como EAD, foi preciso estabelecer alguns critérios (Resolução 20/2020 CONSEPE/UESB) no desenvolvimento das aulas, para que não houvesse uma transposição das metodologias e práticas que eram realizadas na sala de aula presencial para a sala de aula virtual. E mesmo assim, ainda não podemos efetivamente comprovar, mas é importante registrar, que alguns professores tentam burlar as orientações, mantendo aulas síncronas em carga horária igual a dada no presencial, distribuindo conteúdo teórico e prático (atividades avaliativas) como se não houvesse um contexto socioeconômico totalmente adverso para os alunos.

Quando passamos a trabalhar com o ERE na UESB, cuja proposição, na Resolução do CONSEPE 22/2020, é de que “As atividades pedagógicas não presenciais (Ensino Remoto Emergencial – ERE) serão desenvolvidas em caráter excepcional, nos cursos de graduação da UESB, durante o período de suspensão das atividades presenciais (...)” (artigo 2º), foi necessário discutir o que seria esse ERE, que não se configuraria como EAD, e que nas falas dos palestrantes do Seminário promovido pela instituição procurou-se caracterizar, tema que no curso de formação foi aprofundado. Ainda na resolução, sobre avaliação especificamente, há apenas um destaque, no artigo 5º estabelecendo que é possível ao aluno requerer substituição de uma avaliação síncrona, por uma outra perspectiva, caso “demonstre restrição de acesso à internet” e tenha procurado o professor em um prazo de 10 dias, após aquela ter ocorrido.

No demais, são as relações intrasala de aula que vão determinar o contrato avaliativo e suas rubricas (SANCHO, CARDOSO, 2009), caso tenham sido estabelecido previamente, o que poderia ser verificado nos planos de curso apresentados, que tiveram que ser alterados para se adequar ao novo contexto e a resolução vigente.

O referido contexto surge com dificuldades de acesso à internet, tempo disponível para desenvolver as atividades e assistir as aulas em espaços familiares, e até mesmo o compartilhamento de um aparelho, seja um celular ou um notebook para vários membros de uma mesma família, que contribui para desmotivar e dificultar o processo de aprendizagem de nossos alunos, o que normalmente não aconteceria fora do período pandêmico.

A concepção de avaliação que se pretende adotar em sala de aula, também é definida de forma individual pelo docente, que dependendo do entendimento pode ter uma postura autoritária, onde os instrumentos são utilizados para examinar. Para Silva (2006 apud CARMO, p.52) a avaliação precisa “acompanhar a relação de ensino e aprendizagem, de modo que ofereça as relações necessárias para manter o diálogo entre os sujeitos e as práticas envolvidas no cotidiano dos espaços de aprendizagem”. Está para orientar os docentes sobre os hiatos no processo de aprendizagem, o que deve ser reavaliado e retomado, em relação aos conteúdos ministrados. Ou pelo menos deveria ser.

Para Luckesi, (2011, p. 264) a avaliação da aprendizagem configura-se, “como um ato de investigar a qualidade do desempenho dos educandos, tendo por base dados relevantes, decorrentes de sua aprendizagem e, se necessário, numa intervenção, a fim de corrigir os rumos da ação”.

O que significa um processo de acompanhamento, em função de significados demonstrados através dos instrumentos realizados pelos alunos, para que seja possível

reconduzir o processo de ensino e de aprendizagem e orientar os alunos. Vamos lembrar que no espaço online, e no universo da cibercultura, a formatação do processo de aprendizagem é não-linear, assim o processo de ensino também precisa levar em consideração as inúmeras possibilidades oferecidas pelas várias linguagens e gêneros a disposição, em uma composição textual, visual e sonora. Em tempos de pandemia, o aluno tem a sua disposição, e se vê obrigado a procurar complementações teóricas, visto que não tem uma biblioteca disponível, e que através de hiperlinks consegue ter acesso a discussões inúmeras referentes as temáticas em estudo, em diferentes formatações como bibliotecas virtuais, repositórios, sites especializados, textos disponibilizados, entre outros, o que poderia ser potencializado pelos docentes, em formas de trabalho que não encontram espaço na educação convencional (SANTOS, 2008), seja ao trabalhar o conteúdo ou avaliá-lo.

Partindo desta observação, concordamos com Cruz e Nunes (2012), que tratando sobre avaliação na aprendizagem online, destacam que “é preciso criar dispositivos para avaliar a aprendizagem, a partir do movimento da rede de conexões, visto que os sujeitos estão geograficamente dispersos, apesar de próximos, em potência”, já que utilizam “interfaces síncronas e assíncronas dos ambientes virtuais de aprendizagem”. Se há dificuldades na elaboração de atividades online síncronas, é preciso conhecer e dominar outras interfaces assíncronas disponíveis na internet, como diários online, portfólios, fóruns, aplicativos de elaboração e compartilhamento de textos, vídeos, podcasts, entre outros.

Em espaços fechados disponibilizados nos ambientes virtuais de aprendizagem, como o Moodle, é possível observar e acompanhar a trajetória dos alunos, uma vez que toda ação fica registrada, no que entendemos por percursos formativos. No entanto no ERE isto não acontece, visto que nem todas as atividades são passíveis de acompanhamento direto, a não ser quando da apresentação do produto, uma vez que foi liberado todo tipo de atividades, utilizando diferentes interfaces e aplicativos. Em qualquer caso é preciso que rubricas tenham sido pré-definidas, para que esteja claro para o discente o que está sendo avaliado e por quê.

As rubricas, são outros elementos que estão presentes na discussão sobre avaliação em ambientes formativos online, outra nomenclatura para critérios, pelos quais as atividades serão avaliadas. Na verdade, é uma discussão que segundo Cruz e Nunes (2009), remete a Ludke (2004), e as autoras ainda destacam que “as rubricas orientam os alunos a assumirem a responsabilidade sobre sua própria aprendizagem, motivando-os a participar das atividades e gerenciar seus percursos”.

Por parte do professor, ele consegue estabelecer um fio condutor de ação, organizando um planejamento coerente levando em consideração o material teórico que será disponibilizado, a metodologia a ser adotada nos diferentes momentos das aulas, as atividades avaliativas a partir da perspectiva do que ele tem condições de executar, já que para ele o ERE na maioria das vezes é novidade e um desafio.

Para pensar a sala de aula online, as instituições precisaram implementar uma formação que proporcionasse conteúdo teórico para pensar esse novo contexto e também conteúdo prático, o que foi feito através de um curso de formação, que no caso da UESB teve 80h, onde foram ofertados textos e oficinas acerca de como estruturar uma sala de aula online, como utilizar determinados aplicativos e interfaces, principalmente o Google Education.

No entanto, para iniciar as discussões tivemos o I Seminário Virtual da UESB, que se propôs a sensibilizar o meio acadêmico, começando a discutir uma diversidade de assuntos que permeiam a educação online e que foram foco de discussão em outros seminários / webinários / eventos virtuais propostos por várias instituições Brasil afora.

Caminhar metodológico e algumas considerações iniciais

Na metodologia de um projeto de pesquisa precisam constar alguns elementos para que os leitores e parceiros possam compreender o percurso que foi/está sendo adotado, e neste caso, a partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, vamos nos debruçar sobre a fala dos palestrantes acerca do processo avaliativo na educação online, em eventos propostos por instituições de ensino públicas ou privadas, como seminários, webinários e outros. A plataforma escolhida foi o Youtube, primeiro pela quantidade do material disponibilizado e segundo por ser um espaço aberto, onde os eventos foram disponibilizados ao público, não necessitando autorização para uso. Propomos um recorte temporal, para nos mantermos dentro do contexto das modificações feitas no sistema de ensino oferecido, devido ao período pandêmico, partindo de abril/2020 até dezembro/2021.

Portanto o material aqui apresentado é parcial, visto que não finalizamos a pesquisa. A prioridade para a escolha do material é para os eventos de longa ou curta duração proporcionados por instituições de ensino superior, mas levando em consideração que a diversidade de diferentes expositores / debatedores se faz necessário, outras fontes poderão ser apreciadas.

Através da análise das falas, transcrevendo, descrevendo e/ou interpretando esquadrimos o material disponibilizado nos vídeos, identificando os posicionamentos, definições, orientações, sobre porque avaliar, como avaliar, o que avaliar, em aulas online, especificamente neste período considerado “emergencial”. Neste artigo, vamos fazer um recorte, trazendo elementos iniciais para demonstrar as contribuições para a formação dos docentes, a partir de três eventos:

No I Seminário Virtual da UESB (agosto/2020) o tema central foi “Desafios e possibilidades do ensino remoto em tempos de pandemia” e sobre avaliação tivemos a Profa. Dra Edméa Santos (UFRRJ) e Profa Dra Mary Valda Sales (UNEB) discutindo “Avaliação da aprendizagem online” (<https://youtu.be/kX5dlplTzDs>).

Na Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE – julho/2020) o I Congresso Virtual, teve como tema central “Desmistificando o processo de ensino-aprendizagem on-line” (<https://youtu.be/sGZTeQBj2sA>) e propuseram uma “Mesa-Redonda: Avaliação da aprendizagem on-line” (<https://youtu.be/43iu9qZeU8Q>) com as Profas. Dras. Lúcia Amante (Universidade Aberta de Portugal) e Renata Araújo (UFRPE). Mas recortamos algumas falas de outros palestrantes, uma vez que avaliação é tema recorrente, complementando as exposições.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), realizou o I Ciclo de Vivências Formativas 2020, em agosto e outubro/2020, onde o tema avaliação perpassou as palestras da Profa. Dra. Mara Lúcia Fernandes Carneiro (UFRGS), “Ensinar e aprender com tecnologias” (<https://youtu.be/BJ6X1fl8Fi4>), e da Profa. Dra. Nara Pimentel (UnB), “O papel docente em ambientes virtuais de aprendizagem” (https://youtu.be/AbqzcSSx_gI).

Algumas exposições foram específicas sobre avaliação online, mas professores e professoras em algum momento de suas falas abordaram o processo avaliativo no ensino remoto emergencial, destacando as contraposições a sala de aula presencial, ou seja, não é possível fazer em uma sala de aula virtual uma simples transposição de práticas usuais. Desta forma, além de historicizar a educação online, a EAD e comentar sobre as características específicas desse momento, ‘emergencial’, foram dadas orientações do que fazer e muito mais do que não fazer!

Antes de falar de avaliação e falando de avaliação, porque acaba sendo algo indissociável, destacou-se muito a importância do planejamento e dos objetivos. Quando o

professor tem uma ideia clara de seus objetivos, ele consegue organizar a melhor forma de trabalhar determinado conteúdo e conseqüentemente propor um instrumento avaliativo a altura de suas intenções.

[...] Que recursos eu posso ter, tecnologias, softwares, aplicativos que eu posso me utilizar para oferecer o conteúdo, e as atividades associadas a ele. Por isso que eu tenho que ter clareza dos meus objetivos, por que estou fazendo uso de uma determinada ferramenta, para que eu quero desenhar um mapa mental, que eu quero esperar desse resultado, desse produto, o que meus alunos podem me oferecer. Eles precisam fazer sozinhos? Eles não podem fazer em conjunto? Existem software que deixam a gente trabalhar junto na internet. (...) Só tendo clareza destes objetivos é que eu vou poder pensar que recursos de avaliação eu vou realizar, e a não fazer prova online, não precisa ser prova online. (Profa Dra Mára L. F. Carneiro - UNILA)

[...] entender o que é o processo de avaliação de aprendizagem, é preciso que a gente faça conexão desse processo com todo o planejamento. ... um mapa, uma grande teia, que para representar o planejamento educacional. então observem que no retângulo de baixo, na raiz de todo o planejamento eu ponho em destaque a avaliação. porque a avaliação ela é transversal a todo o planejamento. nós já começamos uma prática pedagógica avaliando, não exatamente aprendizagem dos alunos, mas avaliando as condições que nós temos de trabalho, neste momento por exemplo, que plataformas serão ... as plataformas institucionais que vão estruturar as salas de aula que a gente vai ter neste semestre emergencial. Quais as condições que os meus alunos têm de acesso e acessibilidade, quais as experiências com tecnologias digitais que temos, nos professores e alunos? (Profa. Dra. Edméa Santos – UESB)

Nessa perspectiva, podemos considerar o ato de avaliar a aprendizagem como componente do ato pedagógico (LUCKESI, 2011), ao avaliarmos a aprendizagem decorrente do processo de ensino, estamos ao mesmo tempo, avaliando a nossa prática, o currículo, a escola. Portanto, planejar a ação pedagógica incorre por extensão, em incluir os processos de avaliação pretendidos.

Na discussão sobre se pensar o que é avaliação e tipos de avaliação adequados a este momento, também houve contribuições, como verificamos abaixo, entendendo que a concepção e a prática clássica de avaliação não têm espaço na educação online ou no ensino remoto emergencial:

[...] Da avaliação nos contextos digitais. Porque a avaliação é sempre o aspecto muito das vezes mais difícil e mais complexo que se coloca aos professores. E nesta situação tem assumido uma particular complexidade e tem sustentado muitas apreensões como fazer avaliação nos contextos digitais. Sobretudo agora nesta situação no ensino remoto de emergência, que não é propriamente educação a distância, portanto são profissionais que estavam pouco habituados a utilizar das tecnologias e que de repente tiveram que mobilizar

essas tecnologias para fazer frente a situação e continuarem a trabalhar com os seus alunos. (Profa. Dra. Lucia Amante - UFRPE)

[...] Avaliar para que? E aqui importa ter em conta esta noção de que é diferente a avaliação da aprendizagem da avaliação para a aprendizagem. Enquanto a avaliação da aprendizagem tem como finalidade aferir o nível da aprendizagem em um dado momento, que geralmente é o final do semestre ou final do ano e que inclui a recolha, interpretação e registro de evidências de aprendizagem, tendo por base as metas estipuladas. (Profa. Dra. Lucia Amante - UFRPE)

[...] Vai discutir a Avaliação interativa-mediadora na educação online. Ela traz como premissa básica, a busca para pensar a avaliação da aprendizagem na educação online considerando esse paradigma. ou seja, uma avaliação da aprendizagem que não existe sem dois aspectos fundamentais interatividade e mediação pedagógica. Nós vimos que ambos atrelados e concomitante a avaliação são fundamentais para que possamos ter um percurso de aprendizagem significativo, interativo e mediador (Profa. Dra. Renata – UFRPE)

[...] e para finalizar, desenvolve rubricas e práticas de avaliação formativa, então atenção para esse conceito de avaliação. Convido vocês a procurarem no google o que é formação, o que é avaliação formativa. [...] Exame, você fez o exame passou, não passou está reprovado. A avaliação formativa não. As avaliações são para formar e não para punir. Você tem que criar essa cultura com seus estudantes, que estão todos eles acostumados a lógica do exame. Se deu bem, muito bem, se deu mal vai se lascar, essa é a lógica do exame. A lógica da avaliação formativa... opa! Se errou aqui porque que você errou aqui, pode ser o professor que não trabalhou bem esse conteúdo, ou pode ser você estudante que chutou o balde, não correu atrás, não leu, não se exercitou, não marombou, não trocou ideias com seus colegas. Então essa avaliação eu acho muito mais inteligente, porque ela não é punitiva, ela é formativa. (Prof^o. Dr Marco Silva – UFRPE)

A avaliação formativa, citada pelo Professor Marco Silva, tem sua primeira inserção no meio educacional, quando Bloom (1981) definiu que a avaliação da aprendizagem, deve ser organizada em três tipos: a saber, (a) avaliação diagnóstica, avaliação formativa, e avaliação somativa, para o autor, cada instrumento aplicado deveria observar nos três tipos, as funções correspondentes de; diagnóstico, controle, e classificação¹.

Para Hadji (2001, p. 20) “[...] a avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve em um projeto educativo, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado

¹ O uso mais comum dos testes somativos, desde a escola primária até a universidade e os cursos de pós-graduação, é como ponto de apoio a atribuição de notas, representadas por letras ou número. “[...] Este objetivo na maioria das vezes reflete o ponto de vista segundo o qual os cursos se destinam a classificar os indivíduos, de modo que numa classe comum haja poucos na categoria superior, alguns mais num segundo grupo, um número maior de “médios, e, poucos nas categorias inferiores”. (BLOOM, 1981, p. 73).

qualquer outra preocupação. A avaliação é formativa quando permite guiar e otimizar as aprendizagens em andamento”.

Portanto, cabe ao professor compreender qual é a intenção avaliativa que torna a avaliação formativa e, nesse caso, para Perrenoud (1999, p.50) é “formativa toda avaliação que auxilia o aluno a aprender e a se desenvolver, ou seja, que colabora para as regulações das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

Entendemos, portanto, que se torna fundamental, ao buscarmos desenvolver práticas de avaliação diferenciadas, que isso incorra, em modificação das práticas dos professores.

O questionamento de como avaliar com e através das tecnologias, neste contexto emergencial, também foi discutido, aparecendo dúvidas que envolvem ética e plágio, mas as/os palestrantes foram claros em indicar que precisamos utilizar interfaces, ferramentas que otimizem o processo avaliativo, inovando e aproveitando as inúmeras diversidades disponíveis:

... E por fim, pensem em alternativas de avaliação, de acompanhamento do aluno ao logo do curso ao invés de fazer uma prova na final. Isso é muito complicado, uma das questões que todo mundo comenta: como é que eu vou saber que é o meu aluno que está fazendo a prova! Se tu fizer uma prova de cruzinha no final da disciplina, realmente tu não vai saber, Agora, se fizer atividades em que ele tem que escrever, em que ele tem que participar, a gente fica conhecendo o aluno até pelo estilo da escrita, a gente conhece mais os alunos quando a gente está trabalhando com essas tecnologias, do que no presencial. Ou vocês vão me dizer que não, que na turma de 40 alunos, vocês conhecem o jeito de escrever de cada um. Vocês conseguem falar com cada um? A gente no sistema online, na educação a distância ou ensino remoto como a gente está chamando agora, porque não teve tempo de se preparar como gostaria, a gente precisa fazer com que o aluno se expresse para a gente conhecê-lo e isso faz com que a gente possa acompanhá-lo melhor. (Profa. Dra. Mara L. F. Carneiro - UNILA)

... outra coisa muito importante é rever as concepções de avaliação, isso muda absolutamente tudo, não dá mais para mandar as listas de exercícios, mandar o menino fazer, porque ele vai colar, ele vai mandar fazer, você não tem mais o controle, está entendendo? Mas hoje a tecnologia... mas para que dificultar? Porque não pensar uma avaliação diferenciada. Porque não pensar momentos de avaliação diferenciados e testar experiências diferentes nossas, para fugir um pouco a regra daquele tipo de avaliação... Há! Mas o sistema exige... (Profa. Dra. Nara Pimentel - UNILA)

[...] Por exemplo, muitas vezes nos meus desenhos didáticos, eu só uso fóruns, ok? Do ponto de vista da interface, da ferramenta como muitos chamam, eu só uso o fórum, mas gente o que eu faço com os fóruns... [...]A partir das leituras, das aulas, lançando mão do material que a gente disponibiliza, das

aulas que a gente faz. Então, a gente pode usar fórum para fazer coisas mirabolantes e usar uma ferramenta só. Então essa interface pode ser um monte de coisas. (Profa. Dra. Edméa Santos – UFRPE)

[...] de estratégias ativas de aprendizagem, trazer ramificação, sala de aula invertida, estudos de caso, aprendizagem baseados em projetos, enfim, pegar o que tiver de mais potente como estratégias ativas para fazer com que o aluno possa realmente construir conhecimento e não reproduzir conhecimento. Que uma aprendizagem ativa é uma aprendizagem complexa, é uma aprendizagem que o professor precisa pensar nestas competências junto, e os critérios, deixar tudo isto muito claro, mas que é preciso também exige do aprendiz docente formas diferenciadas de motivação e seleção, de comparação, e nós não podemos deixar de pensar estratégias que venham fazer com que nossos discentes não se desmotivem nesse processo. É preciso existir esse olho no olho virtual, e esse olho no olho virtual, para evitarmos plágio, como muitas pessoas foram colocando. (Profa. Dra. Renata Araújo – UFRPE)

[...] mas o que é a plataforma, é a infraestrutura, é o lugar do encontro, mas para garantir a aprendizagem é preciso conversa, é preciso atividades de produção de conhecimentos e para saber se os alunos aprenderam eu preciso provocar e mediar a emergência desses rastros. então eu só vou poder avaliar o meu aluno se ele deixar marcas de autoria no ambiente virtual. se ele participar dos fóruns dos chats, das web conferências deixando seus rastros em múltiplas linguagens, porque o digital em rede permite que a gente se expresse com sons, imagens, textos, tudo junto e misturado que é aquilo que compõem a linguagem hipermídia que é a linguagem própria da rede, então avaliação dentro do planejamento está em todos os momentos, seja na avaliação da prática, do projeto, ou da aprendizagem dos nossos alunos (Profa. Dra. Edma Santos – UESB)

Houve um destaque interessante, sobre a necessidade de avaliar, e a dificuldade de se avaliar de forma diferente da que se fazia no presencial. Expondo-se a dificuldade, por parte de professores de se pensar alternativas e que essas alternativas não fossem validas, mas é interessante as ‘respostas’ dadas:

[...] mas você vai avaliar, entendeu? Você só não vai avaliar da mesma forma. A, mas o sistema lá exige que você tenha não sei quanto, como medir a frequência, eu não estou mais preocupada com isso, entendeu? Eu vou exigir do meu estudante a participação e por essa participação... eu vou qualificar essa participação e vou dar frequência... eu vou também qualificar minhas atividades de avaliação e por essa avaliação eu também vou atribuir notas sem problema nenhum. É a forma que muda, não vamos inverter as coisas e querer colocar esse modelo que a gente já tem no presencial e jogar para a distância, para o remoto, porque não vai funcionar. (Profa. Dra. Nara Pimentel - UNILA).

[...] Tem professor agoniado, querendo saber como é que vai fazer teste e prova, nestes estudos continuados emergenciais. Mas é preciso deslocar a cabeça criatura, para não fazer teste e prova de repente. Podemos fazer outras coisas, se a gente considerar todas as atividades que vamos fazer, como espaço de avaliação, a gente vai avaliar tranquilamente, basta criar com nossos alunos

indicadores de qualidade, critérios de qualidade e pontuar quantitativamente estes critérios para chegar a tal nota. Isso a gente faz tranquilamente. então eu acho que quanto mais criativo, o professor é, mais ele vai ser criativo também no online. E quanto mais a gente conhece as tecnologias que a gente tem na mão, mais ideias didáticas a gente vai ter com estas tecnologias. (Profa. Dra. Edméa Santos – UFRPE)

Podemos considerar a partir das falas destacadas, que a questão fundamental da avaliação no ensino remoto, na EAD, no ensino on-line, é a sua fundamentação numa perspectiva diferente das práticas examinatórias, de certo, que nesse distanciamento e assumindo uma postura de acompanhamento, de informação e de transformação, é que deliberadamente assumiremos como um serviço que lhe dá sentido; tornar-se um elemento determinante na ação educativa.

Considerações parciais

Algumas considerações iniciais, já podem ser feitas, ainda que seja necessário não perder de vista, que interpretar a fala de outras pessoas, sempre traz um nível de subjetividade que precisa ser perpassado e fundamentado em nossas próprias práticas e conteúdo teórico. O interessante, ao analisarmos as palestras, as “lives”, advindas dos Seminários Virtuais propostos por instituições de ensino superior, no enfrentamento de um contexto emergencial, é que estes palestrantes, são referências teóricas e que têm prática profissional na temática que está sendo proposta.

Começaremos pela compreensão de que a avaliação da aprendizagem no ensino remoto, EAD, ou online, precisa de ressignificação quanto a compreensão do seu sentido na prática pedagógica e no acompanhamento da aprendizagem do aluno.

E, por certo, da transformação das práticas avaliativas desenvolvidas na EAD, se distanciando do entendimento de que um ambiente virtual se configure com uma sala de aula presencial. Para tanto, a formação continuada de forma colaborativa e cooperativa entre os pares, a partir da troca de experiências, de vivências realizadas nesse novo momento.

O que significa que temos posicionamentos e ensinamentos que possuem uma práxis, e não apenas elocubrações teóricas, e que trazem elementos que poderão ressignificar o nosso cotidiano frente a uma sala de aula virtual, mesmo que não tenhamos experiência para fazê-lo.

No entanto, poderíamos dizer, que estas reflexões, permeiam um saber fazer que não tem sido refletido, por muitos, também no fazer presencial.

As dificuldades não serão apenas de ordem prática, serão também de ordem conceitual. No entanto, essa formação que está sendo oferecida através dos Seminários é mais para sensibilizar e despertar questionamentos, que necessariamente formar, o que vai acontecer nos Cursos de formação, e que posteriormente temos a intenção de analisar.

Referências

BLOOM, Benjamin, et. al. **Manual de Avaliação Formativa e Somativa do Aprendizado Escolar**. Editora Pioneira, 1983

CRUZ, Nelly K. Sancho; NUNESSancho; NUNES, Lina Cardoso. **Rubricas para uma avaliação mediadora da aprendizagem em educação online**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1452009214144.pdf>

HADJI, CharlesHARLES, Hadji. **Avaliação Desmitificada**. Trad. Patricia C. Ramos. Porto Alegre: ARTMED. Editora, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: componente do ato pedagógico. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da Excelência à Regulação das Aprendizagens**: entre duas lógicas. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

POPHAM, William J. **Avaliação educacional**. Tradução de Vania M. M. Rasche, Vera M. M. Kude e Maria das G. Feldens. Porto Alegre; RJ: Globo, 1983.

PINTO, Jorge. A avaliação em educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas. In: AMANTE, L. E OLIVEIRA, I. **Avaliação das Aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas**. Universidade Aberta-LE@D. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6114/1/ebookLEaD_3%20%282%29.pdf

SANTOS, Edméa; ARAUJO, Maristela Midlej. Como avaliar a aprendizagem online? Notas para inspirar o desenho didático em educação online. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 103-119, jul. / out. 2012

SEMINÁRIO VIRTUAL DA UESB. 1. 2020. *Online*. Disponível em: <https://youtu.be/kX5dlplTzDs>.

SEMINÁRIO VIRTUAL DA UFRPE. 1. 2020. *Online*. Disponível em: <https://youtu.be/sGZTeQBj2sA>.

CICLO DE VIVÊNCIAS FORMATIVAS. 1. 2020. *Online*. Disponível em: <https://youtu.be/EP2LXygJ0qM>

SILVA, M.; SANTOS, Edméa (org). **Avaliação da aprendizagem em educação "online":** Fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências. SP: Edições Loyola, 2006.

UESB. CONSEPE. **Resolução 22/2020**. Regulamenta, em caráter excepcional, a adoção de atividades pedagógicas não presenciais (Ensino Remoto Emergencial-ERE) (...). Disponível em: <http://www.uesb.br/wp-content/uploads/2020/09/Resolucao-Consepe-22-2020-Regulamento-do-ERE-na-Graduacao.pdf>

SOBRE AS AUTORAS

Alessandra Bueno De Grandi

Mestre em Sociologia Política, UFSC. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil.
DIFOP, GEFORDIS. E-mail: florbi@uesb.edu.br

Cácia Cristina França Rehem

Doutorado em Educação/Currículo, PUC/SP. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil. DIFOP. E-mail: cacia.rehem@uesb.edu.br